

**Diálogos Digitais: uma leitura de cyberspace
como território de troca de informações**

Marcelo Tramontano, Marcos Marchetti. 2001

como citar este texto:

TRAMONTANO, M. ; MARCHETTI, M. .Diálogos Digitais: uma leitura de cyberspace como território de troca de informações. In: V SIGRADI Congresso Ibero-Americano de Gráfica Digital, 2001, Concepción: Universidad BioBio, proceedings. , 2001. 210mmX297mm. 05p. Disponível em: <http://www.nomads.usp.br/site/livraria/livraria.html> Acessado em: dd / mm / aaaa

RESUMO

O objetivo deste artigo é, principalmente, compreender a leitura do espaço digital, como nós o conhecemos hoje, com a análise da evolução dos meios de comunicação na sociedade metropolitana. Busca-se estabelecer critérios de leitura do espaço digital enquanto território de trocas de informação, e possível agente causador de impactos nos modos de vida metropolitano. A leitura lança um olhar sobre as questões do acesso à informação, as formas de organização espacial e social da habitação metropolitana, como, por exemplo, a prática do tele-trabalho.

DIÁLOGOS DIGITAIS:

UMA LEITURA DO CYBERSPACE COMO TERRITÓRIO DE TROCA DE INFORMAÇÕES¹

Marcelo Tramontano. Nomads, Universidade de São Paulo, Brasil. tramont@sc.usp.br
Marcos Marchetti. Nomads, Universidade de São Paulo, Brasil. xpace@hotmail.com

Abstract. The objective of this article is, mainly, to realize a reading of the digital space, as we know it today, with the analysis of the evolution of the communication's forms in the metropolitan society. It is considered, still, to establish criteria of reading for the digital space while territory of swap of information, and possible causing agent of impacts in the metropolitans' life modes. The reading launches a more intent look on the question of the access to the information, the forms of space and social organization of the metropolitan housing, for example, from the practical one of the telework.

Atualmente, talvez seja recorrente a impressão de que meios de comunicação à distância, como a *Internet* e a telefonia móvel, estejam proporcionando um acontecimento inédito na história da humanidade, abreviando distâncias, alargando os limites da ação humana e ligando o interior dos ambientes domésticos ao resto do mundo. Fato novo, sem dúvida, a recente potencialização destes mecanismos parece reprisar aspectos que já vêm há tempos constituindo, num processo contínuo e ininterrupto, um espaço de troca de informações, antes mesmo de se pensar em possibilidades de conversas intercontinentais em tempo real, por exemplo. Os desenvolvimentos tecnológicos relacionados à construção deste espaço virtual de intercâmbio de informação, referenciados em distintos momentos históricos, sugerem desdobramentos diretos deste conceito, como impactos nos modos de vida da sociedade metropolitana, desde o seu surgimento, na Europa do século XIX, possivelmente assinalando momentos de transformação em diversos setores da vida urbana.

Ao abordar questões referentes aos impactos provocados por novas tecnologias, não é raro nos depararmos com pontes que incitam a relação entre o deslocamento no espaço concreto e neste espaço virtual de comunicação à distância. Estas relações demonstram-se bastante apropriadas se observarmos, por exemplo, o surgimento da mídia impressa nas metrópoles européias da segunda metade do século XIX. As edições diárias dos jornais, meios de comunicação então exteriores ao espaço privado da habitação, ao circular dentro dos limites geográficos metropolitanos deste momento,

¹ O artigo baseia-se em resultados preliminares da pesquisa *Habitação e Virtualidade*, em curso no Nomads, Núcleo de Estudos sobre Habitação e Modos de Vida, da Universidade São Paulo, Brasil, financiada pela FAPESP Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo, envolvendo pesquisadores de graduação e de pós-graduação de diferentes unidades acadêmicas. Mais informações sobre o Nomads.usp estão disponíveis em seu site: <http://www.eesc.sc.usp.br/nomads>

conferiam gradativamente ao espaço público urbano a qualidade de um espaço de acesso e difusão de informações. O que exigia que se estivesse dentro dos limites geográficos da metrópole para que se tivesse acesso à informação. Estar dentro destes limites significava, por este viés, estar em contato com o fluxo ininterrupto de informações, tanto numa escala global, tendo acesso a notícias de lugares mais distantes, como em escalas regional e local.

Ao mesmo tempo em que os trens começaram a distribuir os jornais intermunicipalmente, permitindo um maior alcance da difusão da informação, as habitações se fecharam ao exterior, assegurando ao espaço privado doméstico a proteção a um espaço público cada vez mais populoso e fora de controle, um lugar ao mesmo tempo arregimentador e fragmentário. Equipado com os então modernos produtos industrializados, o interior dos lares burgueses metropolitanos era o local de convívio da família nuclear, limpo, seguro, e organizado, contrastando com as ruas potencialmente sujas e perigosas da metrópole industrial.

Em 1870, o telefone parece surgir mais como curiosidade científica que poderia oferecer uma infinidade de experimentações do que com seu caráter prático de hoje, fornecendo suporte, já no começo do século XX, para a mundialização dos processos informacionais da contemporaneidade. É só a partir de 1919, quando passou a ser tecnicamente possível deixar-se de depender de telefonistas para efetuar chamadas, que o telefone começa a tornar-se definitivamente popular, constituindo um meio de comunicação cada vez mais acessível e indispensável no cotidiano da vida metropolitana. Enquanto o telefone adentrava na habitação, jornal e telégrafo permaneciam distantes dos interiores domésticos, e seu fluxo sugeria vínculos muito fortes com o espaço público da pólis. O foco das mudanças causadas pelo impacto do uso do telefone nos modos comportamentais do início do século XX talvez esteja, portanto, muito mais ligado às novas possibilidades de comunicação que ele propunha a partir do espaço doméstico. A permanência física no território público urbano parecia tornar-se menos necessária à medida em que o acesso ao mundo, desde os limites do lar, ia lentamente se tornando real. Muito em breve, as possibilidades de acesso remoto ao mundo exterior viam a sugerir alterações na organização do espaço de convívio do núcleo familiar, assim como na maneira de se relacionar com ele.

Nos anos 1940, a disseminação mundial do cinema hollywoodiano constituía um novo e eficiente meio difusor de modos comportamentais, que vinha a contaminar os ares metropolitanos de quase todo o planeta com os hábitos e aspirações ligados ao "*American Way of Life*".² A indústria cinematográfica norte-americana ia moldando-se segundo a lógica industrial de produção em série, penetrando em novos mercados, como a Europa, Ásia e, particularmente, a América Latina. Deslocou-se da Europa para os Estados Unidos o eixo divulgador e precursor dos ideais de modernidade, urbanidade e civilidade, que

² Tramontano, M., A americanização das metrópoles e a banalização dos meios de comunicação à distância. In: *Novos Modos de Vida, Novos Espaços de Morar: São Paulo, Paris, Tokyo*. Tese de Doutorado. São Paulo: FAUUSP, 1998.

representavam, enfim, um mundo desenraizado de tradições pretéritas e referências aristocráticas, privilegiando o Novo. Rapidamente, a concepção norte-americana de vida foi se disseminando pelo mundo através das películas de Hollywood, engendrando novas experiências no cotidiano urbano metropolitano. Para acompanhar esse universo de mudanças rápidas, proporcionadas pelo avanço cada vez maior da tecnologia, da crescente efemerização da troca de informações, fazia-se mister que as tecnologias de entretenimento avançassem, portanto, na mesma direção, se quisessem atrair mais consumidores para seu mercado, devendo aproveitar-se das poucas horas de lazer que restavam ao homem moderno. Desta maneira, o cinema seria a máquina perfeita para divulgar não só produtos como eletrodomésticos, cigarros e automóveis, mas também maneiras de viver às quais tais produtos eram imprescindíveis.

As mídias popularizadas anteriormente foram proporcionando ao habitante da metrópole possibilidades de envio e recepção de informações, independentemente do lugar onde se estivesse, ou, mais, de 'desplugamento' do espaço público urbano, ampliando sua área de influência. A televisão, por exemplo, que nas décadas de 1940 e 1950 ainda apresentava fortes traços da linguagem cinematográfica e radiofônica, conseguiu realizar a transmissão à distância do conjunto som-imagem-cor-movimento, apresentando ao tele-espectador fatos com realismo e instantaneidade: informando, mas também educando o olhar de novos consumidores, ampliando mercados. Na década de 1950, a televisão entraria irreversivelmente no cotidiano doméstico do cidadão comum, ensinando-lhe a ler um novo contexto marcado por informações instantâneas, sensações simultâneas e pelo conseqüente fluxo de imagens efêmeras e fragmentadas. A difusão da informação, com qualidade de imagem e som jamais vista anteriormente, agora independia do espaço público e até da própria cidade. Os aparelhos de TV já pareciam redesenhar o interior de lares americanos, e a família que, num momento anterior, se reunia em volta do rádio, agora tinha os olhos na tela com tubos catódicos, interface a partir da qual se estabelecia o contato instantâneo com realidades remotas.

Progressivamente, o fascínio da troca de informações à distância permitiu reavivar discussões sobre os limites das esferas pública e privada. No começo da década de 1970, começaram a aparecer pelo mundo todo, principalmente na América do Norte, diversos tipos de redes de comunicação entre os novos dispositivos tecnológicos chamados micro-computadores. Estas redes surgiram não só em universidades e empresas, mas também em círculos associativos pessoais urbanos, de usuários apaixonados por uma nova forma de comunicação que eles acreditavam ajudar a inventar. Certamente revisto neste momento, as atividades relacionadas ao trabalho profissional passam a poder ser exercidas em casa, o que acaba minimizando o espaço em empresas e causando uma volta aos hábitos de maior permanência no ambiente doméstico.

abrangência a partir de espaços virtuais. Definida pela introdução de equipamentos e técnicas aqui mencionados, a função dos cômodos da casa convencional tende, assim, a permanecer em constante alteração. Ultrapassando os limites da moradia, o uso de equipamentos móveis, como *laptops* e telefones celulares, possibilita a realização – eventualmente, a transferência – de funções tradicionalmente ligadas aos interiores domésticos em todo o território urbano, recolocando a noção de habitar a cidade.

Em 2001, nos vemos diante da crescente velocidade de trocas de informação e de uso constante de espaços virtuais, propiciados, em grande parte, pela banalização do acesso à internet. Para os já comuns usuários desta nova mídia, as possibilidades de alcance mundial constituem ainda um extenso leque de possibilidades, muitas delas possivelmente sub-utilizadas ou ainda pouco analisadas. Até o momento, as interações do usuário com este espaço parecem reduzir-se a uma interface bidimensional bastante pobre: o monitor dos computadores pessoais. É verdade que as novas mídias tem alterado os modos de vida atuais, mas a configuração espacial dos interiores domésticos, baseada na tripartição Social-Íntimo-Serviços e na compartimentação por cômodos, permanece praticamente a mesma desde a primeira industrialização européia. Novas formas de diálogo mediatizado são, certamente, razão suficientemente forte para repensá-la.

Bibliografia:

Lévy, P., "Becoming Virtual", Nova Iorque: Plenum Press, 1998.

Negroponte, N., "A Vida Digital", São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

Tramontano, M., *A Americanização das Metrôpoles e a Banalização dos Meios de Comunicação à Distância*. In: "Novos Modos de Vida, Novos Espaços de Morar: Paris, São Paulo, Tokyo". Tese de Doutorado. São Paulo: FAU-USP, 1998.